



HOSPITAL DE BASE DE BRASÍLIA: casos até de cirurgias interrompidas no meio

Falta de tudo no Hospital de Base, dizem cirurgiões

Médicos da área de Neurocirurgia fazem diagnóstico da crise e dão prazo de dez dias para não paralisarem trabalho

Os neurocirurgiões do Hospital de Base de Brasília (HBB) apresentaram ontem um diagnóstico assustador do atendimento no setor ao secretário de Saúde, José Geraldo Maciel. Faltam enfermeiros e auxiliares, anestesistas, unidades intermediárias para atender politraumatizados e até material básico de cirurgias – de antibióticos a escovas para lavar as mãos no pré-operatório. Diante da situação caótica, os médicos definiram um prazo de dez dias para que a secretaria resolva a situação, e ameaçam suspender as cirurgias eletivas (não-emergenciais) por tempo indeterminado. Hoje, mais de 500 pacientes aguardam a vez na fila.

Em uma carta enviada à secretaria, ao Conselho Regional de Medicina, ao Sindicato dos Médicos do DF, à Associação Médica de Brasília e à Promotoria de Defesa da Saúde (Prosus) do Ministério Público do DF, os médicos da rede pública relatam procedimentos cirúrgicos interrompidos para a esterilização de bandejas e a indisponibi-

lidade de materiais delicados, como pinças e microtesouras, que muitas vezes são trazidos de casa pelos próprios médicos. No pronto-socorro, segundo eles, a situação agravou-se depois que os equipamentos de tomografia computadorizada e de ressonância magnética quebraram.

Ontem, uma equipe de neurocirurgiões entregou uma lista com “reivindicações mínimas” a Maciel, com pedidos que vão de recursos materiais a humanos. O secretário prometeu que os problemas mais urgentes serão resolvidos entre 48 e 72 horas.

No topo da lista de prioridades do governo, segundo Maciel, está a compra de medicamentos básicos. Também prevê contratação de 400 auxiliares de enfermagem para toda a rede. O secretário pediu calma, lembrando que está à frente da pasta há apenas 34 dias.

– Não temos a intenção de parar, até porque lidamos com riscos iminentes de vida. Nunca paramos, mesmo durante gre-

ves da categoria. Mas queremos continuar sendo uma unidade respeitada em Neurocirurgia no País. Estamos nos sentindo amarrados – afirma Benício Oton de Lima, que chefia o núcleo de 18 neurocirurgiões e 12 residentes.

O centro – o único no DF a realizar tais procedimentos – realiza, em média, 1,5 mil cirurgias, boa parte com alto grau de complexidade. O pronto-socorro tem capacidade para 16 pacientes, mas atende cerca de 50.

Para o promotor Jairo Bisol, do Prosus, trata-se de um “grave caso de improbidade administrativa”, pois existem recomendações do Ministério Público desde 2003 sobre diversas situações irregulares que ocorriam já naquela época no HBB. Ele conta que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) enviou ao MP e à Procuradoria da República do DF um relatório com 65 pontos problemáticos no hospital. E de lá para cá, segundo Bisol, muito pouco foi feito.

Não há sequer escovas para lavar mão antes de cirurgia